



ENTRE O FIO DA NAVALHA E O PERFUME DA ROSA: CAPOEIRAS E A BUSCA POR PRESTÍGIO SOCIAL NO RIO DE JANEIRO (1876–1892)

Palavras-Chave: Capoeira; Rio de Janeiro; Revista *Ilustrada*.

Autores:

Matheus Alves dos Santos, IFCH — UNICAMP

Prof. Dr. Aldair Carlos Rodrigues (orientador), IFCH — UNICAMP

INTRODUÇÃO

Resultado do encontro de tradições culturais, políticas e religiosas de diferentes povos africanos, a capoeira se desenvolveu nos centros urbanos do Brasil enquanto um folguedo e uma prática de combate físico. Entre os locais nos quais a arte da cabeçada — como também era chamada — se mostrou mais efervescente podemos destacar a capital da corte imperial, o Rio de Janeiro. Suas menções nas fontes históricas se fazem presentes, majoritariamente, em documentos provenientes de repartições policiais, órgãos institucionais e veículos da imprensa que datam principalmente do século XIX. Além disso, a capoeira foi relatada em diários de viajantes que estiveram no país e também em gravuras de artistas que se dedicaram a registrar as singularidades desta manifestação, bem como as de outras expressões de origem africana. Contudo, e infelizmente, para a maior parte deste período, existem pouquíssimas fontes que narram a história a partir do ponto de vista dos sujeitos que puseram a capoeira em prática.

No caso desta pesquisa, nos propusemos a analisar qualitativamente algumas edições do jornal *Revista Ilustrada*, de Angelo Agostini, onde a capoeira é mencionada. Este hebdomadário, que existiu entre 1876 e 1898, se propunha a noticiar e comentar sobre assuntos político-culturais, geralmente relacionados ao cotidiano da vida fluminense. Para além da difusão de informações, outro elemento presente na revista, como o próprio nome dá a entender, eram suas ilustrações. Nesses desenhos, havia uma infinidade de temas representados nas tradicionais 8 páginas do informativo, sendo abordados assuntos concernentes às eleições, políticas institucionais, segurança pública, escravidão e a sua abolição.

Ademais, no que se refere aos desenhos de pessoas negras,¹ a revista reproduzia e criava uma série de estereótipos raciais ao retratar tais sujeitos, explicitando a ambiguidade inerente a este tipo

¹ Marcelo Balaban argumenta que os textos de caráter abolicionista deste semanário eram recheados de ideias políticas e sociais em torno dos sujeitos racializados: “ao mesmo tempo que contribuíram para a extinção da escravidão, produziram a imagem do ente incapaz, vadio, perigoso desfigurado e oprimido.” Neste sentido, o periódico não apenas contribuiu com a causa abolicionista, mas também influenciou a construção da imagem dos negros naquela sociedade. Essa dualidade de influências demonstra o papel multifacetado da revista no contexto da luta contra a escravidão e na discussão das questões raciais do século XIX. Cf. BALABAN, Marcelo. “Transição de cor”: Raça e abolição nas estampas de negros de Angelo Agostini na Revista *Ilustrada*. Topoi (Rio de Janeiro)

documental. De acordo com Marcelo Balaban em “‘*Quem tem... Barriga tem medo*’: imagens de capoeiras na imprensa ilustrada da corte”², os desenhos expostos na revista de Agostini reificavam estes indivíduos. Ao invés de humanos com dimensões corporais normais, seus corpos eram ilustrados estigmatizadamente, muitas vezes como seres irracionais e selvagens de pernas e mãos avantajadas. Ainda, os capoeiras eram frequentemente tidos como assassinos desordeiros, prontos para navalhar o ventre avantajado de um burguês qualquer que transitasse pelas ruas da corte. Contudo, essa explanação, propagada com frequência pela imprensa, possui nuances delicadas e necessitam ser analisadas com atenção: em primeiro lugar, de fato, as contendas envolvendo capoeiras eram eventos frequentes no Rio de Janeiro e isso despertava o sentimento de medo em parte da população; em segundo lugar, entretanto, havia o fator narrativo-hiperbólico característico do próprio veículo informativo que, baseado em partes da realidade, criava uma ficção para seus leitores. A respeito disso, Balaban afirma que o famigerado medo atribuído aos capoeiras era resultado da interação entre a imprensa e a ação destes sujeitos, convertendo-se, para estes últimos, em respeito entre seu círculo social.³

Outro fator que consideramos na projeção desta pesquisa, diz respeito à condição do negro na segunda metade do século XIX. Como evidenciou Carlos Eugênio Líbano Soares em *A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro (1850–1890)*⁴, no início do século, a capoeira emerge no Brasil enquanto produto das relações interpessoais entre escravizados de diferentes grupos étnicos como forma de atender às suas demandas. Para o período que nos interessa, a composição racial da capoeira sofre uma mudança considerável: agora, além de uma maioria pretos, pardos, fulos e morenos,⁵ encontravam-se pessoas brancas entre os detidos por capoeiragem.⁶ Contudo, mesmo com a adesão de outro grupo racial às maltas,⁷ a repressão aos sujeitos racializados permaneceu intensamente. Mais adiante serão apresentadas fontes que explicitam a associação da capoeira às pessoas negras, mas, o que importa agora, é entender que estes últimos foram alvos constantes da violência.

Portanto, compreendendo o contexto em que se inserem nossas fontes primárias, evidencia-se o seu potencial para sustentar nossa questão central. Acreditamos que, da dinâmica que estigmatizava os capoeiras na imprensa, despertando um discurso de medo e periculosidade na população, e da simultânea

[online]. 2015, v. 16, n. 31 [Acessado 22 Setembro 2023], pp. 418-441. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2237-101X016031003>>. Epub Jul-Dec 2015.

² BALABAN, Marcelo. “‘*Quem tem... Barriga tem medo*’: imagens de capoeiras na imprensa ilustrada da corte. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 51, 2015. DOI: 10.9771/aa.v0i51.17660. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/17660>>.

³ BALABAN, op. cit., p. 208.

⁴ SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro (1850-1890)*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

⁵ Estas categorias raciais dizem respeito ao processo de racialização dos sujeitos que há muito tempo vigorava no Brasil.

⁶ SOARES, Carlos Eugênio Líbano, op. cit., p. 154.

⁷ “Malta” era o termo constantemente utilizado – negativamente – para se referir aos agrupamentos de capoeiras.

afronta à ordem social por meio dos seus atos de irreverência, resultava o respeito e admiração dos simpatizantes e adeptos da arte da cabeçada. Com isso, tivemos em vista entender a forma pela qual se criou um legado que possibilitava os capoeiras tirarem proveito da conjuntura em que estavam inseridos, distinguindo-se socialmente de outros grupos marginalizados.

METODOLOGIA

Como foi mencionado anteriormente, para a realização desta pesquisa foram utilizados exemplares da imprensa carioca datados do final do século XIX. O acesso a este material se deu por meio da consulta nos acervos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, disponibilizados virtualmente e, além disso, nos amparamos na historiografia a respeito do tema. No escopo documental, as edições da Revista Ilustrada nem sempre apresentam a capoeira como elemento central de suas notícias ou desenhos, mas, sempre que mencionada, ela é tratada de maneira singular. Por este motivo, abordamos tais fontes através da compilação de alguns exemplares que fazem menção à arte da cabeçada, ponderando a respeito das nuances em que ela era retratada. Por ser a imprensa, sobretudo a ilustrada, uma fonte que muitas vezes apresenta ambiguidade, contradição e uso da ironia, o trabalho com este tipo de material precisa ser realizado com cautela, sempre com atenção às particularidades inerentes do documento. Dessa forma, para trabalhar com este material, consideraram-se as seguintes questões: 1. Como os capoeiras eram descritos e retratados nos jornais?; 2. Quais eram os espaços em que eles estavam inseridos?; além deles, quais eram os outros indivíduos que compunham os ambientes em que circulavam — apostadores, burgueses, mulheres, policiais, políticos, etc. — e qual o nível de associação entre eles?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que se constatou com o estudo é que a capoeira e seus praticantes aparecem de duas formas na Revista Ilustrada: em primeiro lugar, quando se trata do termo em si, ele é utilizado negativamente para rebaixar a categoria do que ou de quem está sendo ofendido, o que é interessante problematizar para compreender a própria historicidade do termo “capoeira” no decorrer do tempo; em segundo lugar, foi possível observar nas ilustrações o modo perverso que os capoeiras eram representados nas páginas da imprensa: suas imagens eram as de homens negros sempre munidos de navalhas ou cassetetes, usavam ternos e chapéus e tinham um olhar malicioso. Em meio às edições analisadas, as que mais se destacaram foram aquelas produzidas em período de eleições e, surpreendentemente, em todas tinham a presença dos sujeitos aqui estudados.

Em 10 de março de 1877 foi publicada a edição de número 58 da Revista Ilustrada¹⁶. Nela há duas menções a capoeira, onde, na primeira, a charge “As galerias na Camara dos deputados” conta a história de um cidadão que decide participar politicamente na sociedade e, para isto, vai a Câmara dos Deputados para se contextualizar a respeito dos debates. Chegando lá, ele percebe que este é um ambiente completamente corrupto por se encontrarem um capoeira que portava navalhas e policiais urbanos à paisana. Como de costume em suas ilustrações, este homem é representado usando chapéu e terno branco. O fato de estar de costas para o espectador talvez possa ser uma estratégia do ilustrador

para dizer que não se sabe o que o capoeira está tramando, conferindo-lhe periculosidade, por isso não podemos ver o rosto dele. De forma geral, essas referências à capoeira visam mostrar que a Câmara era um espaço político onde já não se debatiam mais os interesses da sociedade carioca ou do país, mas tratava-se de uma grande arena de ambições que frequentemente entravam em conflito, descartando as demandas da população.



Figura 1 - Revista Illustrada, n.º 58, p. 4, 10 de março de 1877.

Na edição número 98, de 12 de janeiro de 1878, temos outro exemplo de como a fixação do estereótipo do capoeira vai ganhando cada vez mais espaço na Revista Illustrada. Em um primeiro momento, há uma ilustração que ocupa a página 5 por inteira e nela é relatada a situação da distribuição de pastas ministeriais e como isso, na visão do autor, é um problema que pode pôr em xeque toda a organização administrativa do país. No quadro final, encontra-se o desenho do “generalíssimo das campanhas eleitorais”, o “seu Waterloo”. À sua esquerda, segurando uma navalha do tamanho de seu corpo, como se fosse um rifle, temos um homem negro caracterizado da mesma forma como os capoeiras são representados em outras edições.



Figura 2 - Revista Illustrada, n.º 98, p. 5, 12 de janeiro de 1878.

Especificamente nesta ilustração, o termo “capoeira” não é utilizado para se referir a este sujeito, mas, como as fontes indicam, por tratar-se de um contexto eleitoral, optou-se por utilizar este personagem para caracterizar a gestão das políticas como componente indispensável do cenário da corrupção imperial. A intenção de Agostini ao desenhar este personagem é clara: além de criticar o sistema eleitoral e a monarquia, o jornalista fixa o estereótipo que associa a capoeira às pessoas negras.

Sempre à disposição dos interesses políticos dos parlamentares, são esses sujeitos os “tipos” a quem se confere parte da culpa pela situação em que se encontrava o governo.

Como é possível notar nestes exemplos, os cenários ilustrados são sempre marcados pela desordem e cenas de brigas entre parlamentares e seus capangas. Em uma perspectiva ampla, concluiu-se que em suas representações a Revista Ilustrada constituiu um órgão que não só criticava a monarquia e o sistema político, mas também reproduzia em suas páginas as tensões raciais do fim do século XIX. Como pontuou Balaban, ao fazer suas críticas satíricas, Angelo Agostini expressava também “temores diversificados, traduzidos em versões e visões recheadas de conceitos e preconceitos a respeito da flor da nossa gente”.⁸ A respeito da capoeira, vimos que o ilustrador procurou sempre representar os seus praticantes como sujeitos negros bestializados, mesmo sabendo que outros grupos sociais eram praticantes da arte da rasteira.

CONCLUSÕES

O que podemos concluir a respeito dessa dinâmica é que, tanto para os representantes da Revista Ilustrada, quanto para os seus leitores, pouco importava se havia pessoas brancas dando cabeçadas ou cortando ventres pelas ruas da Corte imperial. O objetivo era associar essa manifestação a uma camada específica da sociedade que cada vez mais parecia ter a possibilidade de se mobilizar socialmente, ou seja, era feito um perfilamento estigmatizado de quem eram os capoeiras. Em meio às críticas que Agostini fazia, ora ao império, ora ao sistema eleitoral, suas ilustrações procuravam simbolizar a instabilidade do governo e, neste cenário, a capoeira era peça imprescindível deste quadro. De fato, a capoeira era o próprio retrato do caos na Revista Ilustrada.

BIBLIOGRAFIA

BALABAN, Marcelo. "Transição de cor": Raça e abolição nas estampas de negros de Angelo Agostini na Revista Ilustrada. *Topoi* (Rio de Janeiro) [online]. 2015, v. 16, n. 31 [Acessado 22 Setembro 2023], pp. 418-441. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2237-101X016031003>>. Epub Jul-Dec 2015.

BALABAN, Marcelo. “Quem tem... Barriga tem medo”: imagens de capoeiras na imprensa ilustrada da corte. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 51, 2015. DOI: 10.9771/aa.v0i51.17660. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/17660>>.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro (1850-1890)*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

⁸ BALABAN, Marcelo. op. cit., p. 21.